

As vozes das crianças em um projeto participativo: desafios e contradições na escuta

Isabel Cristina Gonzaga de Oliveira Huhn

Universidade de Brasília, Brasília-DF, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-4348-4741>

Monique Aparecida Voltarelli

Universidade de Brasília, Brasília-DF, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-2605-0930>

Introdução

Considerar as vozes das crianças nos diversos contextos sociais em que estão inseridas tem sido um desafio, desde a implementação do direito de participação das crianças por meio da Convenção sobre os Direitos da Criança em 1989 (ONU, 1989). Assim como foram observados avanços no campo científico, ao trazer a participação das crianças nas investigações, também tem sido possível notar ações no âmbito político e social destinadas a considerar as vozes das crianças em diferentes espaços. Neste estudo, temos como foco o âmbito educacional.

Em 2013, deu-se início ao Projeto Plenarinha, no Distrito Federal (DF), desenvolvido pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) com o intuito de uma reconfiguração curricular para o trabalho com as crianças da Educação infantil¹. Considerou-se a participação de “400 crianças e 50 profissionais das instituições públicas e conveniadas com o objetivo de ouvir e tornar nossas crianças partícipes no processo de aprendizagem e desenvolvimento que é estruturado na Educação Infantil” (DISTRITO FEDERAL, 2018b, p. 9). Os processos de escuta das crianças buscam considerar as suas necessidades e perspectivas nas propostas educacionais, sendo que “a primeira Plenarinha da Educação Infantil teve por objetivo incluir a opinião das crianças no Currículo da Educação Básica da Educação Infantil. Com essa ação, deu-se “voz” às crianças” (DISTRITO FEDERAL, 2013, p. 4).

Desde a primeira Plenarinha² até o presente momento, já foram realizadas dez edições que contemplaram temáticas como: cidadania, cidade, natureza, brincadeiras, contação de histórias, musicalidade e artes. No entanto, a partir da observação de uma das pesquisadoras, que atuava em uma instituição educativa no Distrito Federal, foi notado que a organização das atividades acontecia de forma mais eloquente quando se aproximava a culminância do projeto. Isso, de certa forma, causava incontestes incômodo, pois a proposta inicial do projeto é bem interessante. Como sua implantação se deu em turmas de Educação Infantil, decidimos, portanto, investigar em que medida o Projeto Plenarinha efetivamente transcorria nas instituições de Educação Infantil, uma vez que está bem delineado como projeto da SEEDF, constituindo-se como uma política educacional.

A Plenarinha da Educação Infantil consiste em um projeto pedagógico que visa proporcionar às crianças da Educação Infantil a promoção da prática de cidadão ativo, participativo e consciente dos seus direitos e deveres, experienciando o diálogo com o Currículo em Movimento (DISTRITO FEDERAL, 2018a)³, em suas diferentes expressões e linguagens.

1 A Educação Infantil no Brasil compreende o atendimento das crianças de 0 a 5 anos. De acordo com o artigo 30 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996), o atendimento deve ser ofertado por creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até 3 anos de idade; e em pré-escolas, para crianças de 4 a 5 anos de idade.

2 Todas as edições podem ser consultadas por meio deste link: <https://www.educacao.df.gov.br/plenarinha/>.

3 Currículo em Movimento do Distrito Federal é um documento elaborado para cada etapa da educação básica, e que dispõe de elementos que fundamentam a educação infantil no DF. Para saber mais: <https://www.educacao.df.gov.br/pedagogico-curriculo-em-movimento>.

A pesquisa que embasou a escrita deste artigo teve por objetivo analisar a participação e a escuta das vozes das crianças no Projeto Plenarinha, bem como os desafios e as possibilidades que permeiam essa prática pedagógica, que se encontra inserida no Projeto Político Pedagógico de um Centro de Educação Infantil da Rede Pública do Distrito Federal. Para esse texto, buscou-se apresentar como acontecia a escuta das crianças na instituição educativa. O percurso metodológico da pesquisa mencionada foi feito durante um semestre letivo, por meio de registros em diário de campo, desenhos, captação de áudios, fotos e questionário realizado com o docente da turma.

Assim, partindo da pesquisa explicitada, neste artigo utilizamos informações obtidas, junto às crianças, através dos apontamentos que foram colhidos com base nas observações feitas na sala de referência, no parque infantil, na quadra e em espaços diversos. Participaram da pesquisa: dezesseis crianças, com idade entre 4 e 5 anos, e o professor da turma (da SEEDF), que trabalha com Educação Infantil já há alguns anos. As observações aconteceram em momentos distintos da rotina das crianças, autorizadas por seus responsáveis, sendo que elas também foram convidadas e aceitaram a colaborar com a pesquisa. Cabe mencionar que a entrada em campo ocorreu após a aprovação do Comitê de Ética do Instituto de Ciências Humanas e Sociais⁴, da Universidade de Brasília .

A participação infantil e o Projeto Plenarinha

Plenária é qualquer “assembleia ou tribunal que reúne em sessão todos (ou quase todos) os seus membros” (FERREIRA, 2009, p. 1579), sendo organizada para debater ou tomar decisões importantes. Aqui acreditamos que o termo Plenarinha venha no diminutivo por se tratar de uma sessão na qual quem está nos holofotes são crianças. Além disso, ressalta-se que inicialmente foi perceptível uma falta de crença/confiança na capacidade participativa das crianças, já que no primeiro encontro registrou-se que o “resultado [foi] surpreendente! Crianças sábias e cheias de imaginação na resolução de problemas encontrados” (DISTRITO FEDERAL, 2014, n.p.).

Pensada como política voltada especificamente para as crianças da Educação Infantil, como mencionado, a Plenarinha estendeu-se, posteriormente, às crianças de 6 anos, tendo por enfoque que os docentes viessem a “desenvolver práticas pedagógicas para a escuta sensível e atenta às crianças, de forma a considerar a compreensão delas a respeito das situações que vivenciam na escola e na cidade, em interlocução com o Plano Distrital pela Primeira Infância (PDPI)” (DISTRITO FEDERAL, 2014, n.p.).

Enquanto política pública, o Projeto Plenarinha, inserido dentro da instituição educativa, é pensado de forma a contribuir para a transformação do meio, no qual estão inseridas as crianças, participantes do projeto. Dessa forma,

[...] tem-se a importância do Estado e dos governos no crescimento da renda, na redução das desigualdades, na garantia de direitos sociais e humanos e na formulação e implantação de políticas públicas que possam contribuir para mudanças sociais mais efetivas, tendo em vista a formação para o exercício da cidadania e a ampliação dos mecanismos de equalização das oportunidades de educação, trabalho, saúde e lazer (BRASIL, 2013, p. 52).

4 Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) nº 5.436.566

Para Secchi (2012), o que define se uma política é pública, ou não, é a disposição em proporcionar uma resposta a um problema público, e não quem está tomando a decisão. Não se tem aqui um problema público concreto, mas a Plenarinha constitui-se em uma política pública no Distrito Federal pautada sob os aspectos do Currículo em Movimento da Educação Básica – Educação Infantil (DISTRITO FEDERAL, 2018a), que traz perspectivas de uma discussão futura, ampliada, na qual se elabora uma visão crítica desde cedo, a partir de uma postura cidadã, que é conquistada, sendo possibilitado “às crianças da Educação Infantil o exercício de cidadão ativo, conhecedor dos seus direitos e deveres” (DISTRITO FEDERAL, 2014, n. p.).

A primeira Plenarinha⁵, denominada Plenarinha do Currículo, ocorrida em 2013, foi feita na tentativa de aproximar as crianças e a instituição educativa. Seu objetivo era que as crianças pudessem opinar sobre o Currículo em Movimento, de forma a escutar as suas vozes, pois os adultos já tinham opinado em Plenárias do Currículo entre 2011 a 2013. Durante a realização da Plenarinha, de acordo com a Coordenação de Educação Infantil (Ceinf), “ficou evidente o quanto as crianças são capazes de participar do seu processo de aprendizagem e desenvolvimento” (DISTRITO FEDERAL, 2015, p. 4), percepção que novamente demonstra um exercício das instituições educativas em construir conhecimento acerca das reais potencialidades das crianças e reafirmar a escuta enquanto uma potente prática pedagógica. Destaca-se ainda que, em um primeiro momento da realização do projeto, a revisão de posturas adultocêntricas na formação dos profissionais da educação infantil não foi realizada. Durante o desenvolvimento do projeto, almejava-se compreender as percepções das crianças, os seus diferentes pontos de vista, ideias e sugestões, assim como as possibilidades participativas. Reconhecer as crianças como sujeitos de direitos, agentes sociais e produtoras de cultura foram aspectos essenciais para o trabalho na educação infantil.

Desde a implantação do Projeto Plenarinha até hoje, ele se baseia na escuta e na ação das crianças. Na visão de Louzada e Barbosa (2021, p. 141), “ainda cabem estudos que se atentem para sua efetivação e a relação com as diferentes temáticas que aborda a cada ano”.

A oportunidade estava dada, pois o Projeto Plenarinha apresentou como proposta considerar a percepção das crianças, ouvindo-as, oportunizando a participação, respeitando o ser criança, trazendo temas conectados com o Currículo em Movimento. Diante disso, questionava-se como estava sendo realizado o projeto, e se, de fato, as crianças estavam conseguindo participar, e se suas vozes estavam sendo consideradas nas tomadas de decisão e nas trocas sociais.

A II Plenarinha⁶, realizada em 2014, teve por tema *Eu-Cidadão – Da Plenarinha à Participação* e apresentou por “objetivo: possibilitar às crianças da Educação Infantil o exercício de cidadão ativo, conhecedor dos seus direitos e deveres” (DISTRITO FEDERAL, 2014, n. p.). Para Soto (2013), a garantia da participação das crianças pode ser consolidada a partir dos procedimentos de suas ações no dia a dia, fazendo-se necessário que o trabalho seja estruturado de maneira ordenada. Para que ocorra essa evolução, é fundamental respeitar as opiniões das crianças, pois isso cria um ambiente propício para que elas possam expressar-se, fazer perguntas e comentar ou criticar. Além disso, é necessário

5 Para saber mais: <https://www.educacao.df.gov.br/plenarinha/>.

6 Para saber mais: www.educacao.df.gov.br/plenarinha/.

fornecer explicações sobre as situações que ocorrem nos ambientes de convívio, utilizando instruções adequadas ao entendimento delas.

A III Plenarinha⁷, cujo tema foi *‘Escuta sensível às crianças: uma possibilidade para a (re) construção do Projeto Político Pedagógico’*, ocorreu em 2015 e teve como objetivo: “oportunizar a participação das crianças no Projeto Político Pedagógico (PPP) de cada unidade escolar que oferta atendimento a Educação Infantil” (DISTRITO FEDERAL, 2015, p. 5).

Cabe mencionar que as propostas das Plenarinhas almejam reforçar as aprendizagens das crianças, cujo desenvolvimento tem como eixos estruturantes o educar e o cuidar, bem como o brincar e o interagir, conforme proposto pela legislação vigente. “As instituições de Educação Infantil precisam organizar um cotidiano, de maneira a desafiar o que cada criança já sabe, ampliando as possibilidades infantis de se expressar, de conviver, brincar, de ter atitude e buscar respostas para problemas e conflitos” (BRASIL, 2013, p. 88).

A cidade (e o campo) que as crianças querem foi o tema da IV Plenarinha⁸, em 2016, tendo por objetivo “estimular e favorecer a escuta e o diálogo com as crianças sobre os espaços e os lugares por elas ocupados” (DISTRITO FEDERAL, 2016, p. 5). Em relação à importância da questão espacial no desenvolvimento infantil, Lopes e Fernandes (2018) afirmam que todo espaço geográfico é uma representação desenvolvida na vida e de onde a vida se inicia, conexão da qual as crianças não estão fora. Nessa perspectiva, os espaços, em especial os da instituição educativa, devem ser disponibilizados às crianças, sendo pensadas atividades, em forma de brincadeiras, jogos, mercadinhos, que simulem situações cotidianas vivenciadas no campo e nas cidades, oportunizando que elas se expressem por meio de suas linguagens, fazendo trocas entre seus pares.

Ano após ano, os temas pensados para cada Plenarinha têm proporcionado às crianças da Educação Infantil incorporar cada vez mais os direitos de aprendizagem, permitindo que se aproximem das suas reais e contemporâneas necessidades e de seus interesses, o que amplia as chances de viabilizar seu desenvolvimento integral (DISTRITO FEDERAL, 2018b).

A criança na natureza: por um crescimento sustentável – um tema tão atual quanto necessário foi o tema da V Plenarinha⁹, no ano de 2017. Buscou-se enfatizar que “tornar a ideia de Sustentabilidade atrativa é fundamental para que as crianças se interessem e passem a descobrir uma nova maneira de ver o mundo” (DISTRITO FEDERAL, 2017, p. 6).

A VI edição da Plenarinha¹⁰, realizada em 2018, trouxe “a importância do brincar na escola, que constitui um processo de aprendizagem, tendo sido seus objetivos: vivenciar o brincar, a brincadeira e o brinquedo para aprender, desenvolver e expressar-se de maneira integral” (DISTRITO FEDERAL, 2018b, p. 6-7).

7 Para saber mais: www.educacao.df.gov.br/plenarinha/.

8 Para saber mais: www.educacao.df.gov.br/plenarinha/.

9 Para saber mais: <https://www.educacao.df.gov.br/plenarinha/>.

10 Para saber mais: <https://www.educacao.df.gov.br/plenarinha/>.

A VII edição da Plenarinha¹¹ mostrava que não era hora de perder tempo, pois, assim como bem escreveu Carlos Drummond de Andrade,

“brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo”, seja brincando, ouvindo histórias, manuseando livros infantis que “explorem movimentos, gestos, sons, palavras, emoções e relacionamentos por meio das inúmeras histórias que podem se fazer presentes no contexto educativo” (DISTRITO FEDERAL, 2019, p. 15).

A VIII e IX Plenarinas¹² aconteceram num contexto de pandemia, nos anos de 2020 e 2021, quando o país e o mundo foram assolados pela covid-19, uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, de elevado contágio e de distribuição global, originada na China, em dezembro de 2019 (BRASIL, s.d., n.p.). Durante esse período¹³, trabalhou-se com o tema: *Musicalidade das infâncias: de cá, de lá, de todo lugar*. Entretanto, a implementação do projeto e a oferta da Educação Infantil foram prejudicadas nesse período, pois muitas crianças, por conta do acesso remoto, ficaram de fora desse contato com a instituição educativa. A VIII E IX Plenarinas:

convidam a desenvolver nossa consciência musical, a imaginar e criar possibilidades para propiciar às crianças momentos que tenham significado para elas e que estejam repletos de musicalidade [...] Assim, compreendendo a Plenarinha como a tradução dos desejos das crianças e uma possibilidade de promover o desenvolvimento e a autonomia das crianças, é imprescindível que as reflexões, ações e a organização do trabalho pedagógico, discutidas pelo coletivo, estejam contempladas na Proposta Pedagógica de cada instituição educativa (DISTRITO FEDERAL, 2021, p. 7 e 20).

Ser arteira, fazer arte e fazer parte, estar a par deve ser algo constante na vida das crianças. Em 2022, a X Plenarinha¹⁴ trouxe como tema *Criança arteira: faço arte, faço parte*. Indicado pela comunidade escolar, o tema traduzia a escolha e a participação das crianças, sendo amplo e detentor de uma linguagem permeada de inúmeras possibilidades pedagógicas e de relevância na Educação Infantil. O guia da X Plenarinha enfatizava que o currículo é fundamentado por um conjunto de saberes que buscam coordenar as experiências e os conhecimentos cotidianos com as aprendizagens “que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, com vistas a promover o desenvolvimento multilateral” (DISTRITO FEDERAL, 2022, p. 24).

Após essa breve apresentação do histórico das Plenarinas no DF, para esta pesquisa foi escolhida, enquanto tema de estudo, a décima edição da Plenarinha, publicada no ano de 2022, que trazia por temática *Criança arteira: faço arte, faço parte*. Conforme informado no guia de cada Plenarinha, o tema é indicado pela comunidade escolar. O

11 Para saber mais: <https://www.educacao.df.gov.br/plenarinha/>.

12 Para saber mais: <https://www.educacao.df.gov.br/plenarinha/>.

13 Acerca desse período não foram divulgados dados sobre a quantidade de crianças que efetivamente conseguiram manter algum contato com a instituição educativa. Além disso, não podemos deixar de ressaltar o grande impacto causado na vida das crianças e que ainda segue reverberando até o momento atual, com a perda de familiares, tabus em relação à vacinação das crianças, evasão institucional, entre outras questões (NOBRE, VOLTARELLI, 2023).

14 Para saber mais: <https://www.educacao.df.gov.br/plenarinha/>.

fato de a pesquisa ter se iniciado em 2022 e a Plenarinha estar vigente no mesmo ano foi decisivo para a escolha dessa edição. Ao tomar conhecimento do guia e do folder explicativo sobre a Plenarinha, percebeu-se que a temática perpassava por todos os campos de experiência da Educação Infantil, constantes no Currículo em Movimento. Ainda que a iniciativa do projeto tenha sido positiva, os contextos que serão relatados a seguir demonstram as diversas fragilidades no entendimento do documento e no conceito de participação infantil.

Pensar sobre os aspectos que são o pano de fundo das Plenarinhas: participação, escuta, autonomia, parece garantir a excelência do trabalho pedagógico. É importante salientar que, durante os estudos e a análise dos guias das Plenarinhas, observou-se que esses materiais foram organizados de maneira a direcionar e facilitar o trabalho docente nas salas de referência. Nesse sentido, cumpre destacar o papel das instituições quanto à razoabilidade na forma como os docentes iriam se apropriar, aprofundar e pautar o trabalho pedagógico, neste caso, atrelado à Plenarinha, com um olhar que defendesse o diálogo e o respeito à participação das crianças. Tendo em vista que um dos objetivos do projeto era ofertar “às crianças da Educação Infantil, o exercício de cidadão ativo, conhecedor dos seus direitos e deveres” (DISTRITO FEDERAL, 2014, n. p.).

Pautando-se assim nas contribuições do campo da Sociologia da Infância, que tem refletido criticamente acerca do adultocentrismo presente nas pesquisas que tinham a infância ou a criança por objetos, surgiu a necessidade de pensar em ferramentas de investigação que contrariassem a invisibilidade sociológica com a qual se tentava impregnar as crianças e que levassem os pesquisadores a ouvi-las sem intermediadores (GUCZAK; MARCHI, 2021).

Escutar as crianças, considerar suas vozes, que emitam suas opiniões, suas visões de mundo, é o que, de fato, enriquece o trabalho do pesquisador. Uma pesquisa que tem por objeto a criança e que se desloca para a visão do adulto passa a ter uma visão adultocêntrica, perdendo, portanto, a perspectiva infantil. O trecho a seguir vai ao encontro dessa afirmação:

Sabemos que ainda não dedicamos um tempo suficientemente necessário à observação das crianças e ao modo como elas produzem suas culturas, suas formas de socialização e suas maneiras de interpretação das coisas que vivem, experimentam e recriam (MARTINS FILHO; BARBOSA, 2010, p. 12).

Com o intuito primeiro de trazer reflexões ao objeto da pesquisa intitulada *Projeto Plenarinha e a participação das crianças na Educação Infantil: possibilidades e desafios*, durante as atividades desenvolvidas no ambiente da instituição educativa, foi realizado o levantamento e a análise dos dados baseados na transcrição dos áudios e na apreciação do diário de campo, que permitiu o diálogo com três categorias organizadas para as análises.

As observações foram condensadas em três eixos para responder aos objetivos da pesquisa, de forma a demonstrar como se deu a rotina das crianças de acordo com as atividades desenvolvidas pelo Projeto Plenarinha. Os indicadores serão apresentados nos seguintes eixos: o primeiro aborda as atividades relacionadas à Plenarinha; o segundo engloba os momentos de roda realizados em sala com as crianças; e o terceiro trata dos momentos em que foi percebida alguma forma de escuta às crianças

Atividades relacionadas à Plenarinha

As atividades dessa categoria dizem respeito à edição da Plenarinha investigada, a qual tinha como intuito favorecer a percepção e a sensibilidade, bem como a expressividade das crianças por meio das diferentes linguagens artísticas” (DISTRITO FEDERAL, 2022, p. 10). A “criança arteira”, sentada no grupo com outros colegas, tagarela, troca de grupo e se reinventa, mas não perde sua essência. Ora pinta com maestria, ora sem paciência, rabisca e acha bom (DISTRITO FEDERAL, 2022). Nesse sentido, as atividades pensadas para as crianças da Educação Infantil deveriam ser planejadas de forma variada, pensando-se nos espaços e materiais necessários, de modo a inspirar oportunidades de expressão, de brincadeiras e interação (BRASIL, 2009).

A pesquisa não se restringiu aos momentos destinados às atividades pedagógicas dirigidas, pois em algumas situações foi possível apreciar as conversas e conhecer mais das narrativas “linguageiras” (GOBBI; PINAZZA, 2015) das crianças, as imaginações que rondavam as mesas, as massinhas que se transformavam em pizzas, em bolsas; os blocos de encaixe. De vez em quando, era possível apenas ouvir os diálogos durante as brincadeiras. No dia chamado *dia dos brinquedos*, em que estes ficavam espalhados pela sala,

[...] elas vinham me oferecer a comidinha que tinham preparado, o milho de plástico que já estava cozido, me davam uma injeção com a seringa que tinham acabado de aplicar na boneca, mostravam-me o carrinho com que estavam brincando, o laptop que não funcionava, perguntavam se menino podia brincar com menina (Diário de Campo, 08/04/2022. Em referência ao período em que uma das autoras observou a turma da Instituição Educativa).

Visualizou-se, em vários momentos da caminhada na pesquisa, a participação das crianças como uma particularidade presente nas relações sociais, em que meninos e meninas representavam papéis – de maneira positiva ou negativa – dos adultos. Em outras observações, deixavam transparecer como se davam as diversas formas de participação em suas brincadeiras e atividades, uma vez que compartilhavam suas conversas, alguns segredos e desavenças.

Além dos momentos descritos anteriormente, as atividades propostas às crianças também trouxeram à tona singularidades que circundavam ou não a proposta do Projeto Plenarinha, como a atividade no pátio, descrita a seguir:

O docente levou as crianças para ver o palhaço da perna de pau. [...] no momento em que ele subiu ao palco, chamava as crianças para aplaudirem ao som do seu batuque. As crianças não apenas batiam palmas, como também ensaiavam levantar, momento em que eram contidas pelos adultos. Vale ressaltar que não houve explicação por parte do professor, para as crianças, nem antes, nem mesmo após a apresentação de que a atividade tinha relação com o Projeto Plenarinha (Diário de Campo, 26/05/2022).

Quando as crianças eram convidadas para o pátio para assistir a alguma apresentação, manifestavam euforia, alegria e vontade de participar. No entanto, vale salientar, a participação das crianças muitas vezes se resumia a uma colaboração figurativa, pois dificilmente elas eram escutadas. Havia uma preocupação, sendo aqui redundante, preocupante, uma vez que a criança ‘ideal’ deveria permanecer quieta, em silêncio,

sentada em fila, abstendo-se de seu direito de participar. Nesse sentido, “o que se percebe no cotidiano da Educação Infantil, é que existe, ainda, uma grande distância entre o que se realiza, o que se quer fazer e o que se pode fazer” (BATISTA, 1998, p. 2).

Vejamos o trecho abaixo que ilustra a ida das crianças para o pátio, onde iriam assistir à apresentação do palhaço:

O professor interrompe a brincadeira das crianças, pedindo pra que façam bolinha com a massinha de modelar, para que sejam recolhidas. O professor avisa: “– Olha só! Olha só! Agora a gente vai ter uma (Uma criança interrompe e diz: “–Uma apresentação.”) apresentação bem legal lá no pátio, beleza!?” [...] “–Terá a apresentação agora e aí, como é que a gente [...] Ei! Galera! É pra ficar empurrando o colega lá?” (As crianças respondem: “–Nãaa!”) “– É pra ficar conversando? (“–Nãaa!”), respondem as crianças) “– É pra ficar deitando no colo do colega?” (“–Nãaa!”) A criança B15 diz: “– É pra comer?” O professor continua: “–É pra ficar agarrando nas costas, igual urso?” (“–Nãaa!”), respondem as crianças) “–É pra ficar saltitando igual pipoca?” (“–Nãaa!”) Uma criança diz: “–É pra bater?” O professor prossegue: “–Eu quero só as meninas fazendo a fila bem aqui”. Uma criança fala: “–Sem correr!” [...] Os professores posicionaram as crianças sentadas em fileiras, separadas em fila das meninas e fila dos meninos. Os docentes acompanharam a apresentação atentos às movimentações das crianças, chamando-lhes a atenção quanto à conversa paralela (Diário de Campo, 26/05/2022).

As falas de algumas crianças foram solicitadas apenas ao final da apresentação, com a manutenção de um diálogo curto entre o palhaço e a criança escolhida para participar. A maior interação ocorreu quando o palhaço cantou músicas infantis e as crianças participaram cantando junto, ou quando o palhaço fazia perguntas dirigidas a todas as crianças e elas respondiam de forma coletiva. Ficou claro que os adultos direcionavam todas as ações, preocupados com a manutenção do silêncio e controle dos corpos das crianças para não causar bagunça na instituição educativa, o que acarretava perda de possibilidades participativas. Em outras situações, também era frequente limitar a criatividade das crianças devido aos direcionamentos para a realização das atividades, as quais nem sequer eram negociadas.

A roda de conversa

A rotina sistematizada, a fim de propiciar o direcionamento das atividades diárias que acontecem na instituição educativa, faz parte da organização pedagógica da Educação Infantil (BARBOSA, 2008). O Currículo da Educação Infantil salienta que a rotina é tão somente um dos elementos que integram o dia a dia na instituição. Normalmente, compreendem a rotina ações como: “recepção, roda de conversa, calendário, clima, alimentação, higiene, atividades de pintura e desenho, descanso, brincadeira livre ou dirigida, narração de histórias, entre outras ações” (DISTRITO FEDERAL, 2018b, p. 34).

15 O uso de letras ocorre em substituição aos nomes das crianças para manter o princípio da privacidade e da confiabilidade.

Dentro da organização da rotina da turma, aguardávamos ouvir, tanto na fala do docente quanto das crianças, algo sobre o Projeto Plenarinha; entusiasmo, dúvida, ansiedade, algo que demonstrasse que a presença do Projeto se fazia presente na rotina da sala. Todavia, isso não ocorreu.

O docente falava da Plenarinha como uma “proposta excelente, a organização do caderno orientador e as temáticas são fundamentais” (Diário de Campo, 05/10/2022). Nesse sentido, destaca-se o hiato existente entre a fala e a prática, pois não foram observados elementos que pudessem ilustrar as contribuições que, porventura, o Projeto Plenarinha vinha estabelecendo na rotina da turma. Dando sequência à questão, o professor concluiu sua opinião dizendo que “a estrutura e a logística do evento é ruim”.

Outro ponto que chama atenção diz respeito à fala do profissional sobre a necessidade de “contemplar o protagonismo infantil é o principal propósito para essa etapa educacional [...], todas as ações são pensadas com base no Currículo em Movimento da Educação Infantil” (Diário de Campo, 05/10/2022). Apesar de afirmar que as estratégias eram pensadas com a finalidade de valorizar o protagonismo infantil, muitas das atividades propostas demonstravam “prestigiar” a escolarização, visando à instrução escolar, conforme mostram as fotografias a seguir (Figura 1, Figura 2, Figura 3, Figura 4).

Figura 1



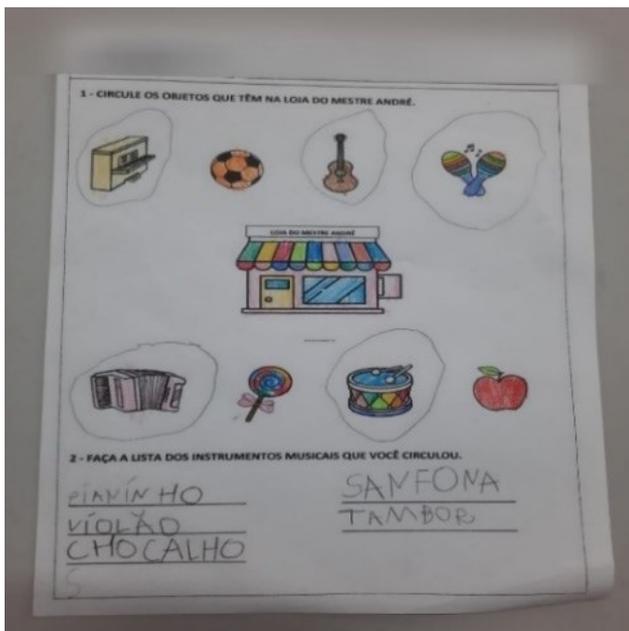
Fonte: Atividade xerocopiada. Arquivo de uma das pesquisadoras, 2022.

Figura 2



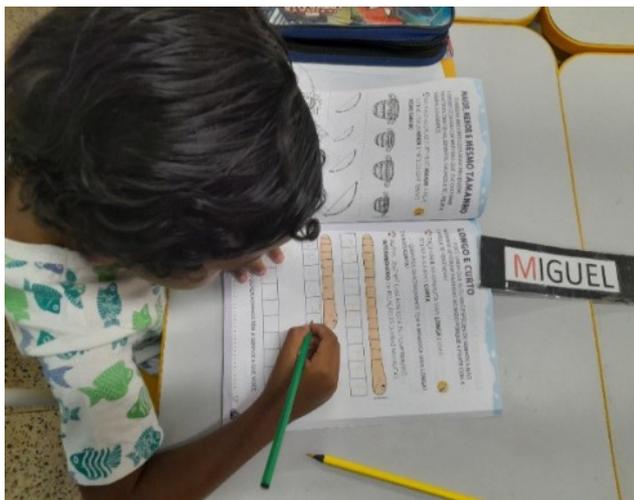
Fonte: Colorindo em atividade xerocopiada. Arquivo de uma das pesquisadoras, 2022.

Figura 3



Fonte: Atividade envolvendo escrita de palavras. Arquivo de uma das pesquisadoras, 2022.

Figura 4



Fonte: Atividade no livro didático de Matemática. Arquivo de uma das pesquisadoras, 2022.

Daí a importância da roda de conversa na Educação Infantil, que pensávamos ser uma oportunidade de surgir o tema do Projeto Plenarinha. Isso porque, na roda, o docente teria a possibilidade de, aos poucos, apresentar o Projeto Político Pedagógico da instituição, bem como o projeto em que as ações da turma circundariam, no caso, o Projeto Plenarinha. A roda de conversa se apresenta como significativo ambiente comunicativo, no qual as crianças têm oportunidade para colaborar quanto à escolha da temática a ser discutida, para que assim conversem sobre o que gostam, sobre o que pensam e sentem. “As aprendizagens consolidadas na Educação Infantil perpassam diversas especificidades implícitas no ato de cuidar e educar de maneira indissociável, o que implica ouvir as crianças, suas angústias, incertezas e ideias” (BERTONCELI, 2016, p. 104-105).

A roda na turma tinha início para checagem da rotina do dia, desde a chegada à instituição educativa, perpassando pelas atividades diárias, como brincar com a massinha ou lego, ir ao banheiro/beber água, fazer atividade xerocopiada ou no livro didático, brincar com os brinquedos de forma livre, dia do parque, dia da quadra, até a hora ir embora para casa. Foram poucos momentos em que a roda de conversa se fez roda de fato, no sentido estrito da palavra. Na maioria das vezes acontecia com elas sentadas em seus lugares: pelo argumento de que havia muitas crianças em sala, o que dificultaria a organização da roda; pelo fato de o dia estar frio ou chuvoso; ou ainda pelo fato de não se organizar a roda devido às demandas da rotina diária.

Cabe mencionar ainda que, frequentemente, as crianças se organizavam prontamente para a roda, pois era um momento esperado por elas, conforme se observa na fotografia a seguir (Figura 5).

Figura 5



Fonte: Crianças organizando a roda de conversa, após solicitação do docente. Arquivo de uma das pesquisadoras, 2022.

Organizar a roda trazia implícita a possibilidade do diálogo, por isso a disposição desimpedida se dava com certa premência. Nesse momento da rotina, quando as crianças se acomodavam na rodinha, surgia ali a possibilidade da troca de olhares, a escuta de criança para criança e a perspectiva de que o adulto ia se dispor a ouvi-las. Entretanto, infelizmente, esse momento era apenas mais uma das atividades rotineiras que compunham diversas ações padronizadas e mecanizadas que desconsideravam por completo as vozes, os desejos, os anseios e as necessidades das crianças.

A escuta das crianças

Observando, escutando, valorizando as vozes das crianças e propiciando possibilidades de expressão a esses indivíduos, que por vezes são ignorados pela sociedade é, que, os estudos sociais da infância acabam por contribuir, direcionando um olhar que reconhece as crianças e jovens como agentes em seu meio, sem deixar de indicar a pluralidade da sociedade e das vozes das crianças (FRIEDMANN, 2018). Nota-se que, em um cenário que enfatiza o controle e o disciplinamento, há motivos para se duvidar da capacidade das crianças de se expressarem por si mesmas. Assim, considerando essa condição de dominação, as crianças, ao contrário dos adultos, “falam a partir de, e por, ignorância e irracionalidade” (MULLER, 2014, p, 46). Para esta autora, dentro de um pensamento dominante, as crianças são vistas como seres em desenvolvimento, incapazes de dialogar, que se expressam de forma insipiente e irracional. Por outro lado, os adultos, considerados inteiramente civilizados, pensam de forma racional e têm capacidade de se expressar por si mesmos.

Essas percepções ainda perpetuam o senso comum em relação à compreensão das crianças, tornando invisíveis suas ações e diminuindo o reconhecimento e a valorização de suas vozes, especialmente nas instituições de Educação Infantil, onde as crianças geralmente passam uma parte significativa de suas infâncias.

Os documentos orientadores destinados à Educação Infantil do Distrito Federal consideram a escuta, o pensamento, a imaginação e a fala como elementos fundamentais para a formação de um cidadão crítico. No entanto, na prática, é possível observar que

tais orientações nem sempre são seguidas, como evidenciado no trecho a seguir, onde um diálogo entre o docente e as crianças revela que, ao solicitarem serem escutadas, encontram-se, de certa forma, silenciadas:

“–O ajudante de hoje vai ser: um menino, né!? É você!” –apontando para menina A. A professora (não me refiro ao professor, nesse momento, pois há uma professora substituindo o professor regente) se confunde com o nome da criança, pois há uma outra criança na sala com o nome bem parecido com o da colega. As crianças a corrigem. Algumas crianças falam com a professora para explicar o nome correto da colega e a professora pergunta: “–Cadê o zipinho na boca? Cadê o zipinho na boca? Eu não vou deixar ninguém falar, enquanto eu não falar. Outra coisa, não quero ninguém falando: ‘Ô, tia, por favor, deixa eu?’ Também não! Então vai ser a menina B e o menino escolhido, os ajudantes de hoje. Amanhã vão ser outras crianças. Combinado?” (“–Simm!”). Uma criança fala: “–Eu nunca ajudei nenhum dia” (Diário de Campo, 22/06/2022).

Com base nas anotações feitas no Diário de Campo em 28/06/2022, ficou registrado que as crianças demonstravam ter compreensão dos assuntos abordados. Quando indagadas sobre o Projeto Plenarinha, sobre o que sabiam acerca do Projeto, percebia-se o quanto queriam participar, o quanto queriam demonstrar o que sabiam. Algumas crianças queriam falar mais de uma vez, falavam e iam acrescentando, às suas palavras, mais ideias, mais imaginação; já outras precisavam de incentivos, ou indicação no interesse da escuta. Observava-se ainda crianças proativas na organização da sala, resolução de conflitos com os colegas, cooperação para iniciar um engajamento para realização de seus desejos, geralmente apontados nos momentos de desenhar, dançar, cantar enquanto realizavam atividades ou entre as finalizações e esperas das próximas ações do professor.

As crianças apenas relacionaram o Projeto Plenarinha a brincadeiras, indicando possivelmente a falta de um momento específico para abordar o tema durante a roda de conversa, na sala de referência, ou em outro momento. É provável que o tema da Plenarinha não tenha sido tratado anteriormente com as crianças que já frequentavam a instituição.

Perdeu-se, portanto, uma oportunidade única de colaboração, de escutar as opiniões das crianças e de promover sua participação, que é o foco do projeto. Assim, o planejamento não permitiu que as crianças elaborassem algo que fosse relevante para elas, nem que realizassem sua própria Plenarinha, na qual lhes fosse garantido o direito pleno de serem ouvidas e de participarem de forma imparcial. O momento da escuta é uma oportunidade distinta na qual o docente tem a possibilidade, também, de traçar estratégias para implementar o trabalho que vem fazendo no âmbito do Projeto Plenarinha.

As coordenações aconteceram alinhadas ao projeto, as atividades extraclasse traziam correlação com o projeto, algumas atividades de sala foram planejadas vislumbrando o projeto, mas o espaço de escuta não englobou o projeto, que trazia como objetivo “promover a arte como um recurso que impulsiona o desenvolvimento de habilidades sob diferentes perspectivas” (DISTRITO FEDERAL, 2022, p. 7). O tema arte compreende a preferência e a cooperação das crianças, é abrangente e traz consigo uma linguagem que possibilita diversos encadeamentos pedagógicos com relevância para a Educação Infantil.

As crianças pequenas gostam de conversar, contar casos, histórias que conhecem ou inventadas, falar sobre seus trabalhos de sala, especialmente, os que envolvem artes, pintura, colagem, recorte, enfim, gostam de ter um momento da fala livre, em que vejam fluir sua imaginação. Durante as observações registradas no Diário de Campo, foi notável a frequência com que as crianças buscavam ser ouvidas por meio de suas diversas formas de expressão. No entanto, na maioria das situações, essas tentativas passavam despercebidas diante dos adultos.

Silenciar as crianças não se resume apenas a não escutar suas vozes, mas também a não oferecer oportunidades para sua participação, como ocorreu em algumas situações na sala de referência, onde elas solicitavam repetidamente a atenção do docente, sem sucesso, o que pode ser uma grande perda de oportunidade, pois, como pontua Castro (2010, p. 59), “Na medida em que crianças passam a ser vistas como capazes de opinarem, dotados de intencionalidade, emergem contribuições interessantes para a instituição a partir das perspectivas das crianças”.

Em oposição ao silenciamento, o Currículo em Movimento traz um ponto de vista baseado no entendimento que, “ao dessilenciar as crianças, escutando suas vozes, pode-se contribuir para torná-las cidadãs responsáveis por meio da autorregulação e do automonitoramento das próprias aprendizagens” (DISTRITO FEDERAL, 2018b, p. 55). Nessa perspectiva, o Projeto Plenarinha se estrutura, enquanto projeto a ser trabalhado nas instituições de Educação Infantil, como um desafio, uma vez que os professores precisam estar dispostos, no sentido de caminhar para além de um trabalho voltado para “didatização” das crianças, orientar-se pelas possibilidades que a Plenarinha oportuniza às crianças. Para tanto, é preciso assegurar momentos de escuta, incorporar ao planejamento, o que é proposto no guia do Projeto Plenarinha, tornar as crianças cientes de que fazem parte dessa plenária, e que elas devem colaborar para que suas falas não se percam nos momentos das rodas de conversa e que suas opiniões, críticas, ideias sejam levadas em consideração.

As solicitações das crianças feitas ao docente ora passavam despercebidas, ora eram ignoradas. Suas vozes ficavam sem ser ouvidas, deixando ideias, sugestões e opiniões para trás. A cada vez que eram silenciadas, percebia-se que as crianças demonstravam sensações que iam da frustração à aceitação. A título de exemplo, observou-se que frequentemente o professor lançava um tema para que as crianças pudessem desenhar; e um dia foi pedido para que elas contassem sobre as férias. Porém, durante a realização da atividade, as crianças eram convidadas a ficar em silêncio para não atrapalhar o rendimento dos colegas, sendo que a euforia em compartilhar o que haviam feito nesse período era evidente. Fatos como este poderiam servir como registros para que o professor construísse conhecimento sobre as vivências, gostos e preferências das crianças. No entanto, ao invés disso, deixava essas oportunidades escaparem, principalmente devido à preocupação em cumprir a rotina.

Assim como na pesquisa de campo, surgiram detalhes a partir da observação. Com o professor regente, também não seria diferente se ele assumisse o papel de observador e pesquisador de sua prática, refletindo sobre a rotina vivenciada com as crianças, bem como sobre as manifestações individuais e coletivas que elas eventualmente apresentam durante o tempo em que permanecem em sala. A partir do registro, o docente teria condições de revisitar sua prática pedagógica, refletindo sobre ela, fazendo ajustes, quando necessário, recuperando leituras e material de apoio, podendo criar novas possibilidades de trabalho junto às crianças.

Considerações finais

Projetos visam orientar o trabalho docente e, no caso específico do Projeto Plenarinha, o direcionamento almeja uma proposta participativa junto às crianças. A Educação Infantil deve ser um ambiente ativo e provocador, no qual as crianças tenham oportunidade de falar, opinar, para que estejam no centro das ações pedagógicas e possam adquirir percepções críticas e de participação.

O fato de não as escutar significa tirar delas a oportunidade de expressão, de ouvir o outro, de aprender com o outro. Quando o professor se afasta dos momentos de escuta, quando os desejos das crianças ficam reprimidos, mais o docente fará uso de atitudes disciplinadoras, vigilância excessiva, e de postura adultocêntrica. Uma relação construída baseada no diálogo, na troca de experiências, no respeito mútuo possibilitará às crianças da Educação Infantil o pleno exercício de seus direitos, do aprendizado de um ser crítico, que não tem receio em opinar e reivindicar seus direitos.

Posturas adultocêntricas, que visam a manutenção da ordem, vêm evadas do silenciamento infantil e de ações voltadas à escolarização das crianças, na instituição de Educação Infantil. Desvendar práticas pedagógicas que trazem possibilidades e desafios, se faz instigante, ainda mais quando se trata de uma sala de convivência, onde um projeto, que está em sua décima edição, está em evidência. Como educar crianças para a cidadania? De que maneira os seus direitos poderiam ser contemplados nas práticas educativas? Quais caminhos ainda são necessários percorrer para a efetivação da participação infantil? Dentre as muitas questões que sobressaem a partir deste estudo, certamente propostas escolarizantes, autocêntricas, paternalistas e limitadoras das linguagens infantis não colaboram com o desenvolvimento integral das crianças. Além disso, o exercício cívico necessitaria ser aprendido desde a infância, de forma a respeitar as crianças enquanto atores sociais e também educá-las em relações mais horizontais, buscando valorizar a interdependência geracional e os aprendizados que podem ter para os adultos e as crianças nesses processos.

Os desafios para efetivação do Projeto Plenarinha também estão atrelados às ausências de políticas públicas voltadas para a melhor qualidade para o atendimento das crianças nas instituições educativas, bem como valorização dos professores que atuam nesta etapa, para que tenham condições de participar de programas de formação continuada, a fim de aprimorar suas atuações neste espaço. A escuta dos docentes neste sentido também se torna necessária, pois um ambiente coletivo de escuta cria hábitos e posturas mais democráticas e acolhedoras.

Quanto às possibilidades participativas das crianças, pode-se dizer que não aconteceram sempre de forma efetiva. Como foi observado, durante diversos momentos da rotina, as conversas entre as gerações eram sempre perpassadas por comandos, ordens visando à disciplina. Não sendo dada oportunidade para que elas participassem ou ao menos opinassem sobre a realização das atividades, assim como não era oferecido tempo suficiente para que falassem e, conseqüentemente, não havia a escuta, pois sempre era realizada com pressa.

Possibilidades surgem em diferentes situações na sala de convivência. Podem surgir, por exemplo, a partir dos registros que o docente tenha feito nos momentos de escuta, na roda de conversa ou em outras situações, conferindo intencionalidade ao trabalho pedagógico. Permitir que as crianças criem, observem e opinem proporcionará situações que, aos olhos de alguns, podem parecer bagunçadas, mas, na verdade, estarão

oferecendo oportunidades para que as crianças desvendem desafios e desenvolvam habilidades comunicativas em um ambiente no qual as possibilidades que surgem sirvam de alicerce para o potencial criativo e participativo da criança.

Considerar as vozes das crianças ainda segue sendo um desafio e requer a revisitação de conceitos – infância e criança – que fundamentam a atuação dos docentes. Projetos interessantes têm sido iniciados, e cabe à formação continuada e à insistente militância o papel de garantir que as crianças sejam reconhecidas em suas singularidades e especificidades, sem comparações aos padrões adultos, podendo ocupar efetivamente o papel que lhes cabe: o de crianças. A cidadania e a participação infantil não só podem, como devem ser iniciadas no interior das instituições educativas; e para isso a “criança arteira” precisa fazer arte e fazer parte (DISTRITO FEDERAL, 2022).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATISTA, R. **A rotina no dia a dia da creche:** entre o proposto e o vivido. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.
- BARBOSA, M. C. S. **Por amor e por força:** rotinas na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BERTONCELI, M. **A Roda de Conversa na Educação Infantil:** análise de seus aspectos formativos com crianças de três a cinco anos. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste, Francisco Beltrão, Paraná, 2016.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União:** seção 1, Brasília, p. 27833, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 10 maio 2021.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Concepções e Orientações Curriculares para Educação Básica. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças.** 6. ed. Brasília, DF: MEC, SEB, 2009.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica.** Brasília: MEC, SEB, 2013.
- BRASIL. **Ministério da Saúde.** s.d. n.p. Disponível em <www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 13 jul. 2022.
- CASTRO, M. G. B. de. **O direito da criança à participação no processo educativo:** o que dizem os documentos legais, os adultos e as crianças da Educação Infantil? 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2010.
- DISTRITO FEDERAL. “**Eu-Cidadão – Da Plenarinha à Participação**”, Brasília: SEEDF, 2014.
- DISTRITO FEDERAL. Guia da III Plenarinha da Educação Infantil: **Escuta sensível às crianças:** uma possibilidade para a (re)construção do Projeto Político Pedagógico. Brasília: SEEDF, 2015.
- DISTRITO FEDERAL. Guia da IV Plenarinha da Educação Infantil. **A cidade (e o campo) que as crianças querem.** Brasília: SEEDF, 2016.
- DISTRITO FEDERAL. Guia da V Plenarinha da Educação Infantil. **A criança na natureza:** por um crescimento sustentável. Brasília: SEEDF, 2017.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo em Movimento da Educação Básica:** Educação Infantil. 2. ed. Brasília, DF: SEEDF, 2018a.
- DISTRITO FEDERAL. Guia da VI Plenarinha da Educação Infantil. **O universo do brincar.** Brasília: SEEDF, 2018b.
- DISTRITO FEDERAL. Guia da VII Plenarinha da Educação Infantil. **Brincando e encantando com histórias.** Brasília: SEEDF, 2019.
- DISTRITO FEDERAL. Guia da IX Plenarinha da Educação Infantil. **Musicalidade das infâncias:** de cá, de lá, de todo lugar. Brasília: SEEDF, 2021.
- DISTRITO FEDERAL. Guia da X Plenarinha da Educação Infantil. - **Criança arteira:** faço arte, faço parte. Brasília: SEEDF, 2022.

- FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 4. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.
- FRIEDMANN, A. (Org.). **Escuta e observação de crianças: processos inspiradores para educadores**. Centro de Pesquisa e Formação Sesc. São Paulo, 2018.
- GOBBI, M. A.; PINAZZA, M. A. (Org.). **Infância e suas linguagens**. São Paulo: Cortez, 2015.
- GUZAK, D.; MARCHI, R. de C. Pesquisa com crianças pequenas – questões éticas, primeiras observações e sinais de assentimento. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 59, n. 62, p. 1-20, out./dez. 2021.
- LOPES, J. J. M.; FERNANDES, M. L. B. A criança e a cidade: contribuições da Geografia da Infância. **Educação**. Porto Alegre: v. 41, n. 2, p. 202-211, mai./ago. 2018.
- LOUZADA, E. B.; BARBOSA, G. A. L. Experiências orais e escritas nas Plenarinhas da Educação Infantil: um guia de formação docente enquanto se propõe a participação infantil (DF, 2013-2021). **Caletrosópio**, v. 9, n. 2, p. 139-155, jul./dez. 2021.
- MARTINS FILHO, A. J.; BARBOSA, M. C. S. Metodologias de pesquisas com crianças. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 18, n. 2, p. 8-28, jul./dez. 2010.
- MULLER, Fernanda (Org.). **Infância em perspectiva: políticas, pesquisa e instituições**. 1ª edição. São Paulo: Editora Cortez, 2014.
- NOBRE, L. B.; VOLTARELLI, M. A. Infância brasileira: olhares para a violência durante a pandemia. **Revista Binacional Brasil-Argentina: Diálogo entre as Ciências**, v. 12, n. 01, p. 78-95, 2023.
- ONU. Assembleia das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos das Crianças**. 1989. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Crian%C3%A7a/declaracao-dos-direitos-da-crianca.html>>. Acesso em: 16 mar. 2022
- SECCHI, L. **Políticas Públicas: conceitos, esquemas de análise e casos práticos**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.
- SOTO, D. V. D. O protagonismo das crianças nas práticas escolares da Educação Infantil. Grupo de Trabalho Educação da Infância. In: EDUCERE – XI Congresso Nacional de Educação, 2013, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013.

Resumo Este artigo apresenta elementos de uma pesquisa de mestrado que investigou a participação das crianças no Projeto Plenarinha, coordenado pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), em uma instituição pública de Educação Infantil do Distrito Federal. Utilizando contribuições da Sociologia da Infância, a pesquisa contou com a participação de dezesseis crianças e um docente. Os registros foram feitos nos diversos momentos da rotina, por meio de anotações em diário de campo, desenhos, captação de áudios e fotos. De forma geral, constatou-se dificuldades no desenvolvimento do projeto e equívocos na compreensão da participação infantil, incluindo a negação de sua participação e direito à escuta em vários momentos. Além disso, evidenciou-se a complexidade de entender a participação das crianças e as incoerências na implementação do Projeto Plenarinha dentro da instituição educativa.

Palavras-chave: Projeto Plenarinha, Distrito Federal, participação infantil, educação infantil, sociologia da infância.

La voz de los niños e niñas en un proyecto participativo: retos e contradicciones en la escucha

Resumen El artículo trae elementos de una investigación de maestría que investigó la participación de niños en el Proyecto Plenarinha, coordinado por la Secretaría de Estado de Educación del Distrito Federal (SEEDF), en una institución pública de Educación Infantil del Distrito Federal. Con base en aportes del campo Sociología de la Infancia, la investigación de campo contó con la participación de dieciséis niños y niñas y la docente, a través de registros en cuaderno de campo, dibujos, grabación de audios, fotos, en diferentes momentos de la rutina. En general, se observaron dificultades para desarrollar el proyecto y equivocaciones acerca de la participación infantil. Siendo que en muchos casos se niega la participación de los niños y niñas, así como el derecho a ser oídos. Sin embargo, buscamos demostrar la complejidad de comprender la participación de los niños y niñas, así como las inconsistencias en la forma en que el Proyecto Plenarinha se ha desarrollado dentro de la institución educativa.

Palabras clave: Proyecto Plenarinha, Distrito Federal, participación infantil, educación infantil, sociología de la infancia.

Children's voices in a participatory project: challenges and contradictions in listening

Abstract The article brings elements of a master's investigation that investigated the children's participation in the Plenarinha Project, coordinated by the State Department of Education of the Federal District (SEEDF), in a public institution of Early Childhood Education in the Federal District. Based on contributions from the Sociology of Childhood field, the research involved the participation of sixteen children and the teacher, through records in a field notebook, drawings, recording of audios, photos, in different moments of routine. In general, the difficulties in developing the project and misunderstandings about children's participation were observed. Children's participation is often denied, as well as the right to be heard. However, we sought to demonstrate the complexity of understanding the participation of children, as well as the inconsistencies in the way in which the Plenarinha Project has been developed within the educational institution.

Keywords: Plenarinha Project, Federal District, child participation, child education, sociology of childhood.

DATA DE RECEBIMENTO: 13/07/2023

DATA DE APROVAÇÃO: 12/12/2023



Isabel Cristina Gonzaga de Oliveira Huhn

Pedagoga e Mestra em Educação (Universidade de Brasília). Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre os Estudos Sociais da Infância (Gepesi) da UnB, Brasília, Brasil. Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, Brasília, Distrito Federal, Brasil.

E-mail: isahuhn@gmail.com



Monique Aparecida Voltarelli

Doutora pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo. Professora Adjunta da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação Modalidade Profissional (PPGEMP) da Universidade de Brasília (UnB), Brasil.

E-mail: mvoltarelli@unb.br